
EDITORIAL

Eduardo Karol
Luiz Jardim Wanderley

Esta 24ª edição da Revista Tamoios é publicada em uma conjuntura de crise no Estado do Rio de Janeiro e consequentemente em nossa instituição, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Se a UERJ tem que resistir, pois é capital científico e simbólico do Estado do Rio de Janeiro, a Revista Tamoios já é parte dessa resistência, divulgando pesquisas e opiniões para a comunidade científica como um todo e para o campo da Geografia em particular. Devemos ressaltar que as revistas científicas gratuitas são importantes instrumentos da extensão universitária, pelas quais a sociedade pode acessar livremente o conhecimento produzido por instituições públicas e a partir de financiamento público, principalmente. Produzir e publicizar conhecimento científico no contexto de disputa política sobre a importância e necessidade da universidade pública também é um mecanismo de luta em defesa das instituições públicas. Não são poucas as pressões atuais, no contexto de escassez de recursos financeiros, por criação de mecanismo de autofinanciamento das revistas acadêmicas, que ameaçam sobretudo o caráter público e gratuito do acesso a conhecimento. Trata-se, portanto, de mais uma forma de ataque aos direitos sociais e ao bem público, que visa privatizar e privar a grande maioria da população de acesso à universidade e ao conhecimento.

No entanto, o esforço que fazemos para manter a revista, em dia e com artigos de qualidade, contaram com a colaboração dos autores e autoras e dos avaliadores do conselho científico deste número que completa o 12º ano de existência deste periódico.

Nesse número começamos pela tradução de artigo publicado por COSTA e THÉRY no periódico Hérodote, **Oitenta anos de geopolítica no Brasil: da geografia militar a um pensamento estratégico nacional**. Eles apresentam um panorama da geopolítica produzida no Brasil em oito décadas discutindo a transição de uma geografia militar para um pensamento estratégico nacional. Analisam *“a nova Geopolítica brasileira, que se “civilizou” gradualmente, no sentido próprio do termo, à medida que passava das mãos dos militares para a dos civis, dando atenção especial a dois conjuntos estratégicos para o Brasil, a América do Sul e a Amazônia. Por este prisma e em função da nova situação do Brasil na divisão internacional do trabalho, poderemos então tentar medir o fluxo de relações que daí emanam, ou são conduzidas (analisando suas ligações aéreas e seu comércio exterior), de modo a tentar compreender como o mundo é visto do Brasil e qual é atualmente o seu lugar no mundo”*.

A importância atual de debater a temática do ensino pode ser verificada no conjunto de cinco de artigos presentes nessa edição. Essas produções acabam por demonstrar a consolidação deste campo do conhecimento dentro da Geografia e de enfatizá-lo como fundamental para o pensamento geográfico, para a formação de professores e para a prática docente em aula, tanto no ensino formal como nas práticas dos movimentos sociais.

BEZERRA com **Tecendo caminhos e afirmando sentidos entre cidadania, espaço e geografia escolar**, discute a ideia de “formar para cidadania”. Organiza seu texto da seguinte maneira: primeiro *“a discussão sobre o papel do tempo e do espaço na compreensão das relações sociais; em seguida, aproximamo-nos das dimensões históricas e teóricas que conformaram a ideia de cidadania no Brasil e sua relação com o espaço; por último, tecemos um caminho entre cidadania, espaço e geografia escolar”*.

MARQUES apresenta **Notas sobre as conflituosidades entre as esferas do poder local e o direito à educação de jovens e adultos trabalhadores em um município do leste fluminense**, onde objetiva *“investigar os modos como a educação de jovens e adultos (EJA) está sendo pensada no município de São Gonçalo – RJ, frente às dificuldades impostas pela educação formal que, cada vez mais, tem sido encarada como plataforma de reprodução de contradições”*.

AGUILLAR e CABRERA debatem em **As práticas educativas em agroecologia do movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST) e os desafios frente as ordens impostas pelo capitalismo no campo brasileiro**. Asseveram que o MST *“criou a educação agroecológica, com o objetivo de conceber as manipulações embutidas nas contradições impostas pelo sistema, como a falta de interação das disciplinas e fragmentação do conhecimento em virtude da falta de organicidade dos professores, a dificuldade de apropriação teórica dos alunos, a falta de investimentos para a manutenção das escolas e incentivos à pesquisa em Agroecologia”*.

SANTOS e SANTOS em **Identidades, afetividades e práticas pedagógicas de professoras de geografia no ensino da cidade de Feira de Santana/BA e a influência na formação do significado deste lugar por alunos de uma escola pública** trazem *“os resultados de um estudo de caso que teve por objetivo analisar as identidades, afetividades e práticas pedagógicas de professoras de geografia em relação à cidade de Feira de Santana, bem como a influência da sua mediação pedagógica na formação e/ou reafirmação de identidades e imagens dos alunos em relação a este lugar”*.

PEREIRA e MASCARENHAS em **A paisagem no mundo da criança: considerações acerca do ensino de geografia nas séries iniciais do ensino fundamental**, objetivam *“refletir sobre a importância do desenho no ensino de Geografia nas séries iniciais para compreensão da paisagem, com alunos da faixa etária de 6 a 12 anos matriculados no 1º e 5º ano do ensino fundamental na cidade de Porto Nacional, TO”*.

No âmbito da Geografia Física aplicada, RIBEIRO, GOMES e BULHÕES analisam as **Respostas morfodinâmicas e fisiográficas da zona costeira ao norte da bacia de campos frente à eventos de tempestade**. *“Avaliar a vulnerabilidade física da zona costeira norte da Bacia de Campos a partir dos impactos de ondas de tempestade na dinâmica de praia, envolvendo erosão costeira e transporte de sedimentos”*, é um dos objetivos traçados, além das *“simulações de ondas extremas para a Bacia de Campos que permitiram avaliar o comportamento ao longo de diferentes trechos do litoral”* e por fim, os *“dados morfológicos permitiram identificar as áreas mais ou menos vulneráveis à erosão costeira”*.

As outras contribuições desta edição têm como temática central a discussão do espaço geográfico em diversos contextos, do rural, urbano ao regional e a partir de aspectos culturais e simbólicos.

SILVA discute em **Da problemática urbana à emergência da vida associada à natureza: motivações para viver em aldeia (Camaragibe-PE)**, que *“o processo de periurbanização vem promovendo uma nova lógica de desenvolvimento urbano marcado pela dispersão. Esse processo é resultado, por um lado, da saturação da vida urbana e, por outro, da busca por qualidade de vida. Assim, o discurso do modo de vida associado à natureza se soma às novas estratégias do mercado e à problemática urbana favorecendo o processo de expansão da urbanização para áreas periurbanas”*.

RODRIGUES em **Representações do espaço e franjas pioneiras paulistas: uma reflexão sobre o silêncio cartográfico**, reflete sobre o mapeamento das Franjas Pioneiras no Estado de São Paulo. Parte do pressuposto de que o espaço é um produto social, que guarda inúmeras multiplicidades, portanto, sendo resultado dum processo

entrelaçado entre a prática espacial e suas representações. Discute “*a ocupação das Frentes Pioneiras concebendo-as como um conjunto de práticas espaciais, movidas pela internacionalização da economia capitalista, que almejava novos espaços para acumulação, dessa maneira, resultado de um movimento de objetivação prática sócio espacial, caracterizadas pela derrubada de matas, implantações de ferrovias, espoliação exacerbada da renda da terra, transformando-se num espaço de representação*”.

BARBOSA apresenta interessante estudo sobre **A Igreja Católica em Aparecida-SP: um agente social na produção e reprodução do espaço urbano**. Aborda e contextualiza os processos que fomentam a produção e reprodução do espaço urbano de Aparecida. Discute a hipótese de que a particularidade religiosa e a ação da Igreja Católica, reproduzem um espaço urbano singular voltado para profano (a cidade), o comércio turístico-religioso, sobretudo, através dos empreendimentos da Igreja Católica.

Fechando o bloco em **LEBON RÉGIS/SC, da vivência cabocla no contestado ao sufocamento na lógica agrário-capitalista**, OLIVEIRA e FRAGA analisam que “*o processo de desbravamento, ocupação e povoamento da região Sul do Brasil, deu-se numa particularidade secundária ao formato tradicional das demais regiões colonizadas. Nessa região, o Estado de Santa Catarina surge ainda como território de ocupação posterior aos demais estados sulistas, uma espécie de espaço periférico e “abandonado” entremeio os extremos da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande*”.

Na seção **O Sentido das Coisas**, OLIVEIRA e LOPES apresentam “**Acertando as horas**”: **jogo cartográfico como recurso didático geográfico no ensino de fusos horários**, que objetiva *discutir o uso de jogos cartográficos como recurso didático impulsionador da melhoria do processo de ensino e aprendizagem do conteúdo fusos horários no ensino de Geografia*.

E por fim, na seção **Resenha**, MELO apresenta o livro de Armando Bartra, *El capital en su labirinto: de la renta de la tierra a la renta de la vida*, publicado pela UNAM em 2006, que ainda não ganhou tradução em língua portuguesa.

Os atuais editores da Revista Tamoios reiteram o agradecimento a todos os colaboradores desta edição e desejam que os textos publicados e o trabalho por nós empregado na manutenção do periódico contribuam na luta por uma educação pública gratuita e de qualidade, para o rompimento das barreiras do acesso ao conhecimento universitário para o conjunto da sociedade e para construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!